



BRAZIL

CEARÁ

LIBERTADOR - KERMESSE

EDIÇÃO UNICA

FORTELEZA 14 E 15 DE AGOSTO 1887
A MEMORIA DO GENERAL TIBURCIO



LIBERTADOR-KERMESSE

FORTALEZA, 14 DE AGOSTO DE 1887.

Vae aqui a nossa homenagem á memoria querida de Tiburcio

E' um pequenissimo contingente para a oba patriótica da perpetuação de seu nome em bronze.

Vale pela espontaneidade que o inspirou, pela purissima intenção que traduz.

Convertel-o em donativo valioso a digno concorrer no grande certamen da philantropia e do patriotismo pertence ao povo a quem entregamos-o, no momento em que o coração coarense vasa nos gasoilhos do amor e da gratidão as prendas mais preciosas de seu opulento escrinio.

Que o Ceará saiba ser digno de Tiburcio, tanto quanto o valente general das nossas hostes soube sel-o da humanidade e da patria.

João Lopes.

Um monumento a Tiburcio! Nada mais digno do illustre soldado morto e da terra que o produziu.

A respeito de Tiburcio pode se repetir as palavras de M. Teixeira sobre V. Hugo:

«Fiz o seu dever. Só lhe faltava morrer para não ser um estranho entre os immortaes»

Eis porque o bronze perpetuará, a um tempo, a gloria do soldado philosopho e a gratidão da patria reconhecida.

J. DE SERPA.

MINHA TERRA

Minha terra, ó Patria-Santa, Minha bella Fortaleza;

A tua fé te levanta Sobre a avare realidade, —Semper Libera primeira— Que o mar heijado descanta,

Lutando sempre com gloria Marcas na tela da Historia Um trazo de tua gloria; Vingas com agito os seus feitos, Preconizando a direitos dos teus sagrados heroes.

14 Agosto 87.

A. MARTINS.

A GLORIA

Seduz como a miragem de-lumbante, Na extensão dos desertos ideaes Ao e ngado e sedento viajante Que se perde nos vastos areaes.

E' columna de fogo que a luzir Na estrada rude e ingreme da vida Guia o homem —conheido do porvir De exilo para a terra promettida.

A um condiz, nas azas da esperanca Pelo mar em que he sempre bonança Ao seo immenso e fulgido da historia

A outros que a fitavam deslumbrados Deixa calar, exanimos, prostrados Nos ardores da lucta vá e ingloria!

F. CL. TILOE.

FOLHETIM

DO

LIBERTADOR KERMESSE

AO ACASO

E... disse eu ao João Lopes, —como poderei arranjar um folhetim? A cousa não é das mais fceis. Confessei.

—Homem, é verd de, veja se acha lá um gello.

—Prometti. No caminho arrependi-me; e já estava disposto a fallar —o que se usa muito n'esta floda cidade— quando, ao passar em casa de um padre, que explicava catholicismo, ouvi que—deve quem promette!

—Devia! Devendo. devia pagar!

E continuei o meu caminho, perguntando a mim mesmo, sobre o que escreveria—pensando, o que é raro, a sem idéa, o que é muito commum.

Vi então na parede de um muro, um calango balançando a cabeça e dizendo:

—Ah, meu tempo! Comecei logo a pensar no tempo, —n'esse grande medio— para quem muitas vezes os nosso clinicos enviam os seus doentes, com esta chapla: —Meu amigo, só o temo!

Depois de cinco minutos de meditação, —o maior prazo dos no ditaciones de poia do vapor e da electricidade, —exclamei:

—Como passas veloz em teu indomito corcel, oh tempo, no m m ca humanidade! Nada susj entee-te a marcha. Nunca descanças. Nem um obstaculo te embarça. A nenhum frio obedeces.

Manibus date illis plenis

VIRGILIO

Tendes razão: é pelo concurso de todas as primaveras, da que opulenta os vossos jardins e da que desabrocha em a vossa juventude,—ó pela contribuição da alegria e da festa, que deveis realizar a commemoração impercível do Grande Cearense

Si a lagrima é para a morte, para a immortalidade é o sorriso.

Aquelles que foram o amor de um coração feliz para serem a eterna saudade inconsolavel, dá-lhes a vasta solidão anónima o goivo triste e o pranto silencioso. Aos grandes homens, porém, não pode a morte transirmar-lhes os louros virentes da vida. Para elles não ha oermo da campai; e a quem ali os procurasse, a Gloria, de pé sobre a lousa, dizia, como o anjo a Martha: —Não é aqui que elle está.

Só apparecem redivivos, na irradiação de uma aureola, entre as acclamações da truba.

E para a geração a que pe teneram, absorve-se a tristeza do os haver perdido na infancia feliz de os ter gerado.

Tendes razão, pois, cotisando todas as alegrias para a construção da estatua de Tiburcio. E' o vosso proprio monumento que ides erguer; e no bronze que deve perpetuar a virtude heroica de uma geração devia ser vasado quanto na alma delle existe de sadio, de generoso e bom.

E, sitranspозesse os limites da vida a impressão das cousas terrenas, o que podera mais grato ser ao Hero: do que ver levantada uma estatua pelo enthusiasmo unanime de seus concidadãos, pela quota dos grandes e dos pequenos, pelo braço rude dos operarios e pelas mãos delicadas de suas jovens patricias?

Si a morte é noite para todos, a delle, illuminada por essas homenagens festivas, será como as bellas noites de sua terra, auroreadas pela inundação da luz triumphante, no transbordamento do luar dos tropicos.

F. SÁ.

ALEGRO

Nesta kermesse florda, teza, E's sempre em flor a beleza, Fortaleza, rima e cantiga; Pinta a maná Fortaleza!

Agora temos kermesse, Temos a kermesse agora; Morra o leitão que aborrece, Vem, outra luz, outra aurora; Vamos comprar a Yayá O que em commercio não há.

Ha nos ares ambrosias, Ha riso na multidão, Ha ruidosas alegrias, Kermesses no coração; To falamos nos estremos Ai, ai... Kermesse... Kermesse.

—Vem dahi um charutinho? —Um charote, sinhá? —Vae tudo n'um instantinho, O senhor quer alô?

Ai Jeju! Como ella offrece... Ai, ai... Kermesse... Kermesse... Aquelle rosto moreno Fez de lá um psio; pra mim: —O Sr. B'nzereno? Vem pra' meu lotequit; E olhe pra quem the offerece... Viva, freguez, a kermesse.

Out

—Não me compa nada? —Um pastelinho de nata? —Vai a, yayá. E entevada minha alma na serenata, Suspirando... Como parece!... A kermesse de Kermesse!

Os freguezes:

—Ma belle—un peu de fromage? —Jeji, prest—qu'ijó e não? —Qu'ijó belle... votre image —ryonne sur mon... k... oração! —C'est trop fort! ó seu pedante... Vola, monsieur... L'argent!...

Esquiva-se a sombra e rante, caindo a band' encobrida, quaa cearense elegante não he devendo nada! Assim succede a quem esquece Que a Kermesse é a Kermesse.

Vem outo freguez de casa; —A priminha, estas bonitas! —Foi aqui uma beza! —Por favor, as mais calita. —Comprá se queres, depressa, —Que do thares! —Ora essa?!

Cora o bilontra, o j nota, O tojó, o compadrinho, d' e calos em cada bota, em cada olho um carinho; Ah! si o fado... podessa Ados formosa Kermesse!

Vendem yayá a Rosinha, —Fossa de um mesmo jardim; E a bandon mais a Chiquinha, Vendem rindo. Vai assim tudo rido, o mais se louvi se, Quem não compra na Kermesse?

Um viz quinientos réis, Um alheo por dez tostões, Um aspara d'us mil réis, Um beija... puxa os cordões! Não he no mudo dinheiro, Não se vende a calloteiro...

—Ch. em negocios, negocio, O fado é caso aparto, E isto enfiado no ocio quem dia e noite p' parte em les as não apparece, quem mais nesta Kermesse.

Despeje a casa—puorum... Va comprar n'outra botica; aqui se entra o sonoro que a allegria justifica; Aos b'n freguezes do tom Sirvo do chic e do bom.

Éa uma festa de gente Festa feita em e mmunhão Homenagem, commovente, de profunda gratidão Edifica e s' embreço quem compra nesta Kermesse.

E vem da gatta de orvalho a seiza, o veio, o regalo; E n'erranca o cavalho chudoso, mata o matto; Assim a idola fluctua, Si o esforço não recua.

Ha nos ares ambrosias, Ha riso na multidão, Ha ruidosas alegrias, Kermesses no coração; To falamos nos estremos Ai, ai... Kermesse... Kermesse!

PENY.

NO ATELIER

A UM GRUPO DE SENHORAS

Ja não é mais de bronze immoto e frio A estatua; como Deus na inerte argila Alma fria n'om sopro; ou na tranquilla Eja d'ime ao marmor lúcido,

Dessa assombrosa Venus, que herilha, Com beijos mil o artista, em d' s'vatio, Da ha a vida; tambem n'essa pupilla De ligente metal, ao murmuro

Das rissos risos bons, risonha e calma, Chama humana acendense; veio uma alma E amilhoase no peito bronzeo e são:

E agora, quando a effigie s'brancaria Erguer nos ocos a fulgida cimeira, —Pulsará d'entro d'ella um coração!

ANTONIO SALLES.

Era em uma imponente cathedra, que enchia multidão variegada em trajos e aspectos. Celebrava-se uma cerimonia funebre em honra de um valente e glorioso general, idolatrado pelo exercito, de quem fóra o prestigio, a confiança.

Havia alli muitos altos personagens, muitos peitos constellados de insignias, rutilavam bordados e pennachos, que vinham trazer á solemnidade o concurso do seu prestigio official.

Um pregador sagrado memorava a gloriosa vida do illustre guerreiro a quem o Deus dos exercitos protegera e encaminhara.

Em torno ao catafalco haviam collocado alguns veteranos, escolhidos d'entre os companheiros d'armas do finado.

Um velho sargento encanecido e condecorado, com ar torvo, quasi feroz, postado a um dos angulos, chorava.

As lagrimas corriam sobre a face rugosa, ennegrecida, do velho militar, que as não podia conter, máo grado seu.

Ora fitava o retrato do seu chefe, que figurava, rodeado de crepe, na architrave, ora baixava os olhos, envergonhado, o bravo, de verter lagrimas, elle que nunca trepidara em verter sangue.

Tenho visto depois muitas biographias do illustre guerreiro, que referem sua bravura, sua illustração, todas as suas virtudes, todos os seus feitos; porom são ainda ommissas essas biographias, são defeituosas todas ellas. Não mencionam o pranto d'aquelle sargento.

COSTA RIBEIRO.

GENERAL TIBURCIO

Como o astro do dia pela tarde Lança um ultimo olhar de luz e fogo Pels extensões d'azul, E d'ouro e rosa vae vestindo as vagas E a coroa dos montes verdejantes, Onde cneia da dozes s'ntimentos Trem e palpita, revolvendo as éras, A flor azul dos cedros seculares, Um braço amargurado de tristezza; —Iris de luz e treva! —Aurora o n'ite! —Rosa e crepe que'estendem nos aalma

Como a branca senelha luminosa Que rapida passou nos ares bella, E foi, e foi no liquido gigante —Seu hriho censumar; Ou como a luz gentil que tremou limpida Sob a cupula d'amil do firmamento, Entre nuvens de chumbo ou n'grejantes Confundi-se e parou;

Assim brilhante estrella, assim um astro Que do Brasil no espaço —Dous cravara, Correu por um instante e um fundo rastro De saudade e de dor no céo deixara; Vestes rouppagens brancas de al bastro, Patria, a quem elle tão ardente amara; E muita luz, mult' gloria, muito hriho Vem colhar a sorrir junto a teu hriho.

Elle, que teve a historia mais porfoita D'esses heroes que'pelo mundo espalha, Elle, que teve a alma grande affeita Ao rugido tremendo das metralhas, Não dorme n'uma campá humida, estreita; Forem sonha co'as nuvens das batalhas Abraçado á coroa das victorias, Peito de aço refundido em glorias;

A. X. DE CASTRO.

TIBURCIO

Hoje uma canção alegre e doce fluctua harmoniosamente no ar. E' uma vibração affectiva que se dilata por todos os corações a suggerir no povo lampejos de coragem para o trabalho e para a honra.

Sou a hora da gratidão.

N'uma adoração ideal vem heje todos os espirits a grupar se espontaneamente, por uma solicitação intima de sympathia, em volta da sombra querida do bravo cearense que trazia na fronte o reflexo magestático dos diamantes a gottejarem raios diamantinos.

E' a festa unisonante do reconhecimento popular.

A indifferença aqui é crime. Afastem-se os iudicisos, si os ha; não turbem o concerto da glorificação com as commoções impuras do seu eu.

Um povo não vive sómente de exterioridades: impõe-se-lhe a necessidade de alongar o olhar para dentro do mundo moial a medir as pulsações do seu sentimento.

Passou já a vertigem do egoismo. Não nos satisfaz mesmo a adoração esteril em que querdávamos hontem ante as esculpturas, sem esthetica, dessa myriada de entidades egoistas que na vida convergiam seus esforços para a escalada ao céo e na morte transformaram-se em eleitos do calendario, personificando a noção da lucta pelo progresso.

Novas formas cultuaes nasceram á luz penetrante da critica da historia que revelou-nos a religião da humanidade.

Os homens benefiteiros, enfaixados nas rouppagens niveas d'uma legenda poetica e do tempo teceu, alongam lá do fundo da historia, annos e annos a esqueceres, seu prestigio tutelar sobre os homens da hora que passa.

Da campá essas naturezas privilegiadas nos governam pela dictadura moral.

Tiburcio ainha se tambem n'essa para-la triumphante de homens que nunca morrem. Nem o manto de pedra do tumulo se desceou-o de nós nem o tempo conseguiu diluir a alma popular a nitida imagem do seu perfil energico a attrahir milhares de sympathias e a prolongar, n'uma dominação posthuma, a fascinação sobre seus contemporaneos.

Surgir do pó das ruas ou da chaneza dos campos, saltar do berço para o livro, fazer do cerebro cofre de idéas sãs e adiantadas e do coração perfume caçoila de sentimentos espartanos, é empreza mais gloriosa e herculeia do que nascer enfaixado em purpura e arminho e governar um povo que tem a vertigem da fraqueza.

Tiburcio fez-se nobre assim. Condensou em si as qualidades eminentes do soldado brasileiro na epopéa sangrenta do Paraguay, n'esse prelio cru onde a

Atento perguntei o que era aquillo, se era alguma machina de enforcar patriotas, algum engenho de smagar os corações generosos...

—Acorde! —Respondora-n-me rindo alguns camaradas do Club. —Que pesadelo! —Acorde! —Agora não se mata o patriota, elle morre em leito de louros ao som dos hymnos da gloria... Depois —o monumento! Não conheceu o Tiburcio?

—Ora, disse eu esfregando os olhos, —que pergunta! Quem não conheceu o grande general Tiburcio? O homem que, alem de outras nobres qualidades, tinha em si— a intelligencia, a illustração e a modestia do José Bonifacio, o moço, —a bravura leonina do Osorio —e a cordelidade e figura do bom camarada, do affectuoso amigo! O general Tiburcio... a primeira gloria militar de nossa provincia... o filho da Vicoza, o herdeiro das valentias de seu conterraneo Felipe Camarão!

—Pois bem, meu amigo, a kermesse é uma festa que tem por fim a acquisição de algum dinheiro que fitta a conclusão das obras do monumento do nosso hero. Aqui virho todos divo'ti-se, e divertindo-se pagarão uma divida da patria, enobrecendo-a ao mesmo tempo por fazel-a reconhecida, por uma prova em tharmore e bronze, de sua gratidão!

Então, enthusiasmado com o que via e presenciava, dei um—Viva a kermesse! —o dei graças ao bom Deus por não estar no tempo passado, —por ser do tempo presente—sentindo profundamente não poder comparecer no tempo futuro...

Oh, o futuro! D'ahi ha trez mil annos quanto progresso n'esta terra... Quo pens não viver n'esse tempo para escrever um folhetim!

SILVAES.

Dia e noite, —chova ou faça sol, claro seja ou treva espessa, ouve-se por toda a parte o tic tac de teu relógio, —vem-se as tuas pegadas, e sente-se a tua passagem... sempre, sempre!

Mas não tens coração, não tens! Debalde impiora-te a donzella uma pequena demora em quanto acha noivo; e tu, fazendo ouvidos de mercador, continúas indifferente, sacudido sobre a infeliz os cabellos brancos e as rugas, e apagando lhe o fulgor dos olhos.

Debalde o opulento pede-te prazo para gozar do nectar delicioso que desliza o ouro; e tu, ás gargalhadas, lhe envias logo a velhice com o reumatismo, e depois a morte!

Debalde os monachas ordenam-te que lhes deixes de fructar as gr'ndezas do mundo; e tu, rindo-te nas faces divinas, tropéas nos thronos, e as coróas rolam e se despedaçam em tua immensa voragem.

O moncho que se pavoneava com o vigor de seus braços e pernas, que sustinha um touro e valava a noite inteira, —ell' sob o teu influxo, tremulo, tropegoso e exaustivo! E aquelle pobre velho que ali vai se arrastando para a Missa de Sé!

Aquella velhinha, que torce acól o fuso, cantando as xécaras da antiguidade, foi outr'ora uma alegre Marquinhã invencível n's minuetes e outras danças de sua epocha. Os poetas chamavam-na a vaporosa e deliravam cantando-lhe os mimos. He não dá um passo sem o auxilio de seu bordão!

abastado e venturoso no meio de sua pride!

Quem diria que aquelle sobeiro de outr'ora, aquelle forte que cuspiu o fracco, aquelle rico que não attendia ao pobre, aquelle grande que não envergava o pé n'os, —seja e'le ancão acobrinhado ou pezo de as contrariedades, do desastre, da intelligência, das humilhações... Qu'?! A povoaçozinha, o arcaio de quatro portas, o de menino tantas vezes se brincava, —é aquella florescente cidade, que ostenta seus lindos edificios?

Qu'?! A nobre cidade dos antigos tempos, tão decantada na historia, —não é mais do que um montão de ruínas, s'rvindo de covil as feras do arno?!

Além foi um mar, —hoje é um arrial! Além um monte, —um valle, um rio... Hoje nada d'isto se encontra: tudo mudou!

Si não muda o tempo, a supplica do creder que te pede presteza, e a do devedor que te pede morosidade! Do creder que te grita—ligeiro!—do devedor a morte que te roga—lento!

E tu, indifferente a tudo e a todas, ora ri omo, como a creançaia entre as flores, ora carrancudo como o velho entre as campas, —surdo a todas as vozes, tu passas, oh tempo, sem descansar um instante, benefico para estes, funesto para aquelles, ora delicioso como os orvalhos da manhã, ora ruinoso como as torrentes da procella, —mas sempre transformando tudo, — tudo o que existe na face do universo.

E assim cheguei ao Passado Publico, e sentime continuando as minhas graves meditações. Transportei-me então ao passado. All' negrejava um casbre que seria

Patria sentio dilacerar-se-lhe a
arteria onde batia o melhor do
sangue de seus filhos.

Tiburcio conquistou o ti-
tulo da legitima nobreza hu-
mana, levedando acima da tona
commum da onda humana e ba-
tendo-se pela integridade nacio-
nal.

Sem a energia superior de ani-
mo, sua vida deslizar-se-hia obs-
cura, seria diamante ainda envol-
vido na crosta de argila, um as-
tro em perpetuo e eclipse, e nao
cavaria no firmamento da patria
esses profundos e altos lucilantes
de virtude e saber, que servem-
lhe de opitaphio á campo plebeo.

Vai o bronze, pela manifi-
stancia popular, fixar eternamente
em suas linhas esculpturadas so-
pro de vida que animava as fei-
ções de nosso varonil contempora-
neo; vai a Arte photographica original
que nos impressionava com a
expressão energica e mobil de
sua physionomia.

Era um temperamento verda-
deiramente marcial o Tiburcio.
Impressionavel, de um genio vi-
vo e impetuoso, tinha a paixao
pela lucta; jamais seria soldado
para exhibir-se, ridiculo e luzote-
re de europceis, em parada nem
para fazer caula aos Carvajans de
e unpanario. Nunca adiantou um
passo para transpor o portico rei-
dillado e seductor da mesquita
da politica indigena. Quem ali
havia-se entre os privilegiados da
gloria e do talento somente de-
via sair da fileira para exhibir-
se no scenario politico tendo cre-
deza de fazer ali figura decente.

No imperio sul-americano, Ti-
burcio que tinha o culto austero
da honra, do brío e da bravura,
devia morrer com a farda ou fazer
se ditador. Morreu como sol-
do. E fez bem.

Uma estatua a Tiburcio sera
um monumento eterno e imor-
tal. Plantemos ali, na praça publi-
ca, n'aquelle ambiente livre e vi-
vificante, um fidei-exemplo de no-
breza.

A luz da figura de bronze, ao
calor do amor civico e entusi-
astico no, que ella exprimira, bro-
tari seivosa no scio fecundo da
multidao a semente do bem, do
bello e do grande.

Sera o symbolo da confrater-
nidade d'un povo que soubo
conquistar a carta de alforria.
Immovel e serena sentinella,
foita de metal e de amor, á noite
tendo por ninto o espaço myste-
rioso onde palpitam as estrelas, de
dia vestindo-se com a chlamyde do
luz crua do sol que lista de
púrpura a face da terra,
ella assistira á defilada das
nova-grações a dedilharem
n'harpa ideal do patriotismo
o hymno triumphal da liber-
dade e do aperfeiçoamento.

O povo, como um immenso
phonographo de crystal, recu-
lencia as notas sonoras do entusi-
astico que exaltava o soldo do
cearense, o hje as repozava na
forma epica de uma can-
ção festiva que vibrava o ches-
tralmente enche o espaço.

A estatua sera um estimulo
permanente.

Concretisção dos re-
pitos hu-
manos, n'um brilho sorridente do
triumpho, se erguera ali como
fonte de enorgia mora para
aqueles que no conflicto da vi-
da sentem-se sem coragem para
servir a commuñão patria, sem
guia, sem vista na estrada do fu-
turo, como u n cego a mendigar
uma gotta de luz.

Consagração unisona da glo-
ria de Tiburcio, sel-o-la ella ao
mesmo tempo da elevação emo-
cional de seus conterraneos: do-
cumento tanto da superioridade
de um homem, como do generoso
sentimento d'um povo.

O Ceará nobilita-se apotheo-
sando Tiburcio. Tocam-se as
duas eminencias.

Neste zodiaco do homengens
que enfaixam n'um circulo scin-
tilante o nome de Tiburcio,
engasto tambem a perola mode-
sta de meu preito.

Ahi fica o meu obolo: migalha
d'ideias, uma syllaba apenas para
a grande palavra que o Libertador-
Kermesse pronuncia hoje em fa-
vor do monumento ao inelyto ge-
neral cearense.

ABEL GARCIA.

TIBURCIO

Ilustre Gearone, guerrier digne des temps antiques,
digne des grands jours de la Grèce et de Rome,
Toi qu'en ce jour de fête patriotique,
Chacun acclame, glorieux, nomme;
Toi dont la grande âme égalait la vaillance
Régions-ici l'hommage d'un fils de la France;

Tu aimas mon pays, honneur l'en sois rendu,
Aux jours n'astes et sombre de la terrible ardeur,
Quant nous fumes écrasés, mutilés, vandus,
Où l'ombre le prest ge de nos armés;
Tu plaçais nos malheurs; et nos tristes combats
Faisaient bruir de rage ton cœur de soldat,
Que n'âmes nous, hélas! L'ide de ton épée,
Nouvelle Durandale à vaincre accoutumée!

N'es tu pas, vaillant, fier de nos héros
Hoche, Marceau, Tiburcio n'êtes vous pas égaux;
Sortis des rangs du peuple, fils de la démocratie
Votre devise fut unique—Liberté Patrie
Hélas aussi vous eutes le même sort,
Faux par les hauts faits, seubl'htes par la mort,
Vous pérites avant l'aube rayonnante de gloire,
Lais ant votre patrie en deuil, et vos no n'â l'hist' ire.

Dors en paix, ô héros, les Célestes tes frères
Le sens dans leur cœur, je le lis dans leurs yeux
Régénérés par l'exemple de tes vertus guerrieres
S'exaltant aux rois de tes exploits fameux,
S'avront dans le chemin si notablement tracé
Pourra-t-elle s'il le faut la patrie menacée
Où pour la sainte libe tu tout peuple promise
S'élancer fierement, tu grand nom pour devise.

TIBURCIO pour ralliement.

TIBURCIO pour combattre. TIBURCIO pour triompher.

DE VIREMONT.

A PROPOS

Heure terrible, affreuse impitoyable,
Qui l'emporta vers le styx, à Caron
Qui vaudrait, sans recours, implacable,
L'enleva toi, que tous nous adorons!

Spectre hideux, stupide évergumens,
Vieux bachelier, n'as tu pas de remords?
Toi qui grossis, du fond de la carène,
Du plus vaillant, le régiment des morts!

Pleurez, soldats! La porte vous est close,
Comme à la veuve, au pauvre, à l'orphelin!
Si ce héros était aide à la guer e,
Des malheureux il était le soutien...

Tiburcio! toi qui par ses victoires
Sut fixer dans les plis de ses drap aux,
Cos rayons chauds du soleil de la gloire;
Cette aurore d'habitait sa tombau.

Qui! son grand nom, au temple de l'histoire,
N'est inscrit, bataillons béatifiés!
Peuple, il revient; et tu vas le revoir
Braver la mort! oui, il sera d'airain!

De cet enfant, illustrant sa patrie,
Exaltez les nobles vertus!
Donnez! donnez! la Grèce vous orie
Et la bienfait n'est jamais perdu!

ARTHUR KUAN.

SIC ITUR ADASTRA

En vire, aliz a Patria, en vireo pequenino:
Tu d'elles do meu vireo a fureta, a luz, o amor,
Daqui elle se foi nos ventos do destino,
Como a agulha que Partio deixando o miinho. O ardir

Que n'alma refugio, afluencia, essas divinas
Irradicações do Ser no vasto coraço.
Vierão-lhe daqui, de toda esta extensão
De mares e de ceos, de montes e campinas.

-Entretanto, sem mim, a Gloria l'he responde,
Sem este grande amor, que alimentava, a vida,
En que escondida sombra, em que silencia fundo

Elle se afogaria? Eu fiz um d'ese de angélla...
-Pois sim; a Patria diz, mas a fureta tal fillia.
Fui eu que l'he ascendi no coraço profundo.

V. BRUNDO

ENTRE O GAZ E O LUAR

Nas lãs de cadeiras de palhata, da
avenida Maracá, empertigado,—sem o de-
do na lepella do longo sobre já fura do
uso, como chamando a atenção para a fi-
linhade capangalha, que l'he valia mais
que os francos a Legião de Honra,
—sem fumar, sem se mexer, como um
cabo de ordens a porta do seu coronel,
assim estava o tenente. Alzunas ve-
zes era obrigado a encolher a perna, pe-
la onda dos passeantes.

O solo da avenida, linheira como uma
enorme regua cinzenta cahida no meio
do Jardim, não dava signal de si sinão
pelo chido dos sapatos; onde cessava a
arborisção, reardescia a massa de gen-
te; plantas havia que ligavam os braços
por cima, em arecos de linda contextura
salpicados de gaz e de roxas petalas de
riso-da-prado, tendo, no seu caracter de
construção antiga, repassamentos de luz
similhanes a um alvo holor coado
pelo tempo.

E por cima, visto pelo esboroa-
do, ora vasto ora estreito, que simi-
lhava haver entre as massas de arvoreas,
como attissimo forro de encaçada ca-
thedral,—o firmamento. Este, em par-
tes era um terrissimo azul poenteiro,
em partes estuque de brancos circos
floreidos; por alem, uns voos de vapores
ligeiros entrecobriundo-se, e uns cumulus
peguicosos, na sua ceramica de espumas,
a fazer figuras que eu concho desde
creanca, e minha tetravo já conchoa
e a tetravo d'ella tambem.

Deslisa o povo debaixo dos arcos e
abobolas suspensas, como as aguas de
uma ponte; e o rio humano referve,
transbordando, e alaga; os pyrampos do
gaz clareiam multicoloradamente, aqui os
verdes da folhagem, aqui os tecidos va-
rios dos vestidos e palitos, aqui o nar-
riz terrível do bello sexo e o bigode
puppallão do sexo forte.

atestar que a ingente barba que l'he sa-
hia do miinho, afilada, cuidada, preta-
na, era um verdadeiro traste da unção,
um signal vivo da guerra morta, e um
aguião para novos guerras.

Sustentava que Tiburcio não mere-
cia existia. Revestido na calhota russica
era esse o nome que elle dava aos tron-
cos—o cavallo na cadeira fincada nos
pes de traz e com os de diante no ar, elle
balançava agora, no ouvir fillar em ker-
messe, com as pernas para as ladadas com
certos cavalheiros quando equipagem; e
esse era signal certo de des-apatamento.

A's margens da avenida, avultavam
já as formas caprichosas das barracas,
ou habitações rusticas, como elle dizia,
mas mais complicadas, outras simplicas,
para a grande feira. Como um fan-
do de aves de arribação, de pombas
de bando, que vojam em nuvem, as-
sim era o assumpto do dia. Beza
quizera o tenente que em vez de
nome de Tiburcio,—que zunja tumultu-
so, epico, abysmador, como o bater das
nzas da multidão indita das arvoantes
sobre florestas e florestas,—se dissesse:
o general Maneco. Ai que elle passara
fome e frio e dores, na campanha! E
sentava-l'he bem a cantiga do pagão no
toque de alvorada:

Al Jesus que eu sou moçoer,
Passo no campo com pouco comer,
Tragara carne de cachorro e couro de
boi; lama em vez de agua; e entre os
signaes do bato, tinha marcas de hexa-
go da peste.

E assim estava o tenente de volunta-
rios, ante a lufa-lufa que encha a aveni-
da, torcendo o bigode e amanhando o
cavaieiro; vendo, pelo espionho da co-
pa de manguba, um pedacinho de luz,
brilhante, no alto, como folha de Flan-
dra no sol...

Foi scudido por detraz, pelas primeiras
notas, como puericia, de uma sur-
vertura. Fôdi foi que elle se extasiou
deveras. Sua alma de poete subia pelo
olhinho de luz que descia pelas festas
da folhagem. Nemao menos elle volta-
r-se a ver o coreto, que parecia um co-
gumeio monstruoso a deitar sons e cla-
ridade. E a alma do homem parou por
instantes no ar...

troja, e sentia-se no sangue o ruiu-
rejo dos teus bellicos... Levantava-se o
pilo... Arria a chamma... Catingava a ex-
quisita embriaguez da polyorn... Via-se
a artilheria trovejar d'entre as mattas...
E consumia-se horrendamente a coivara
humana.

Depois ficava como a queimada de um
roçado; um funinho aqui; homens cahi-
dos como troncos; e, em vez de cinza
branca, o sangue. Os baixos, a respi-
ração dos moribundos; e de quando
em vez os trombones soltavam gargalha-
das de vivandeiros...

Os clarinetos, frios como debéis lami-
nas de espadas; e a requinta,—os gritos
de mulheres e de creanças orphans. O
tenente, arrebatado nos tempos idos,
chorava sardades da patria. Corria-l'he
muito ouro pelos mos, lá no Paraguay,—
para quê? Pois que diabo de misterio
ser-se guerreiro? Abominavel!

O bom foi quando a harmonia descam-
bou para maneira de valsado. Sua
alma, então, desceu ao scio das para-
guayas. Bueno! Viva o heróe. E sentia
as delicias da guerra, nos bailes das
longas treguas. Pensou na entrada tri-
umphal que faria quando entrasse, finda
a campanha, pelas ruas de sua terra bo-
quiaberta. Os louros da victoria!

Ergueu-se e caminhou, ardendo-l'he no
imo o bichinho roedor que elle chamava
poete. Tocavam... pianissimo, no co-
reto... Elle, agora em presença do mar,
na avenida Carapinima, cahiu, em espi-
rito, no hospital de sangue...

O oceano, sob o luar, estirava-se á bor-
da da branca areia longinqua, como uma
infindavel meia-lua de ardosa. Pestu-
ejava, em um ou outro navio surto no
porto, uma luzinha vermelha. Então, o
tenente de voluntarios sentiu tindreir
nos bolsos,—como se quizessem correr
com medo aos moribundos,—as libras
dos mortos, sua preocupação que foram,
as libras, como a outros o foi a gloria.

Mas enfim, elle tambem não foi guerre-
iro? Que l'he fazia a patria arduissima? Ah,
elle sentia a peso da injusticia! Uma es-
tatua a Tiburcio, e não a elle que soube
viver, ganhar, e trazer dinheiro para a
patria; quando o outro l'he roubou ho-
mens a ella, com as suas heroidades!

E no toque de uma marcha do coreto,
caminhou pela esdada, sombria da
avenida Carapinima, com a ventu na luz,
que desliza por cima das rammas. Trop-
peou n'um grupo de officiaes e de senho-
ras:

KERMESSE

Em beneficio do Monumento Tiburcio
14 E 15 DE AGOSTO DE 1887

PROGRAMMA

A's 5 horas da manhã de do-
mingo, 14, as bandas de muzi-
ca do 11.º batalhão de infantaria
e do corpo policial tocarão
alvorada em frente do portão cen-
tral do Passeio Publico e nas
ruas de seu percurso, deste pon-
to para os respectivos quartes.

A's 5 horas da tarde compa-
recerão ao mencionado jardim a
commissão organizativa e as
auxiliares da kermesse e as
Exm.º Sr.º incumbidas da ad-
ministração dos pavilhões, caba-
nas e barracas.—

Depois de installadas as com-
missões nos seus respectivos pos-
tos, será franquado o jardim a
concorrência publica.

Entra-se, mediante bilhete en-
tregue nos porteiros, pelos por-
teiros em frente ao quartel do 11
batalhão e a rua do Major Fa-
cundo.

O portã em frente a Santa
Casa de Misericordia é reserva-
do exclusivamente para a sabi-
da.

A's 6 1/2 horas da tarde a ban-
da de muzica do 11.º batalhão
reunida com a do corpo de poli-
cia, formando um todo de 50 fi-
guras, executarão

II Guarany

Symfonia da grandiosa opera
do maestro bras leiro Carlos Go-
mes, dirigida pelo tenente Bene-
volo.

Em seguida, do palanque er-
guido sobre a cabana Libertador,
pronunciará o seu discurso
o orador official da festa, Dr. Jus-
tiniano de Serpa.

Terminado o discurso as duas
bandas de muzica executarão de
concerto a grande paça

Em Languedoc

Ouvertura original de E. Ma-
rie, sob a direcção do illustre
professor Jorge Victor.

Abre-se em seguida a kermesse
em todos os pavilhões, caba-
nas e barracas, providos de tu-
do absolutamente quanto pode
apetecer ao bom gosto publico,
prolongando-se até meia noite.

A administração dos pavilhões,
barracas e cabanas está confiada
às seguintes commissões:

Pavilhão Tivurcio
D. D. Hilda Cordeiro, Lydia
Olsen, Celcina Rolim, Jovina
Cabral, Elvira Pinho e Elisabeth
Hughes.

Auxiliar esta commissão os
Ill.º Srs. Capitão M. Thomé
Cordeiro, Tenente Francisco Pe-

—Oh Maneco, vamos a coveija?
O Pavilhão Tiburcio estava no meio de
uma clareira, muito necessario, com as
suas enormes rotulas de alcapão, abertas,
como válvulas de mariscos gigantescos.

O tenente divison, lá dentro, em cima
do balcão, um grande bolo de mandio-
ca. E com os olhos no bolo e o beijo
na cerveja, pensava na morte dos seus
sonhos—uma estátua na terra de seu
berço, erigida no general Maneco!—era
o sonho d'elle.

Oh mocidade! Oh paranguavtas!
Oh libras de ouro! Qué insufficientes
sois para a verdadeira gloria, a gloria
que primeiro mata para depois dar
vida!

Daquelle meia-sombra, o tenente
avistava, na avenida Mororo, a multi-
dão dos passeantes, e mais além, no
meio de um lago, de par com os griti-
nhos das marreças, os choviseiros do repu-
xo por cima de bicos de gaz. Em torno
ao Pavilhão, alegres companhias ame-
zandavam-se; e as caladas mongrubeiras
chupavam, no seus blocos de treva, o su-
co da claridade irradiante. Como visões,
pelas entreabertas das estradas, via-se
ao longe pessoas, á crua luz dos com-
bustores; umas como sob grutas, outras
como em galerias longinquis, outras co-
mo em salões de festa. Vistas se sobrepu-
nham a vistas, a medida que se passas-
se. As casarinas da praça, muito en-
costadas ao Jardim, a perspectiva da
fortaleza e do boira-mar, perdiam-se
no vagoz tons da lua e das sombras. O
tenente sentiu-se cheio com a sua
terra, mas, voltando as antigas ambi-
ções de moço ocioso e desnoitado, des-
peitava-se com a propria sorte; e, tu-
meleto de inveja e de odio ao fado,
chorando por dentro, scudiu o copo so-
bre o frio marmore da mesa, e atirando-
se ao luar:—E eu? E eu?—pergunta-
va elle no coo cahido e deo.

E relimpava, nas incrustações ara-
beres do cithra Tiburcio, nos sombrões
das arvores, no riso das donzellinas, no fugi-
dio do luar, nos avermelhados do gaz, nas
palpitacoes do sangue, no chiar do solo
debaixo dos pés, no incanto das estrelas
pallidas, na frescura da atmosphera, nas
cáidas vellos, no alorido das creanças,
na ternura ingenua das mães, no re-
boar da charanga, na modestia das pu-
lloças, em a natureza indita,—o fervo-
roso e justo e divino sentimento da
Gloria.

OLIVEIRA PAIVA.

dro dos Santos, J. J. Ayres, Al-
feres Francisco Baptista Torres
de Mello, Alfredo Milton de Sou-
za Leão e Alferes José Custodio.
KIOSQUE VILLA VIZOZA
D. D. Isabel Santos Braga,
Firmina d'Albuquerque Mello,
Angelica Borges de Castro, Ri-
cardina de Souza Mendes, Caro-
lina Borges de Moura, Filome-
na Gondim e Maria Henriqueta
de Souza Mendes.

Auxiliadas pelos Ill.º Srs.
Alferes João Martins Ferreira,
Tenente Francisco Benevolo, Ray-
mundo Torcapi Ferreira, Tenen-
te Raymundo de Castro Ferreira
Chaves, Alfredo R. Salgado e Al-
feres José Maria Menna Barreto.

CABANAS e BARRACAS
ILHA DA REDEMPÇÃO
D. D. Marietta Borges e Fran-
cisca Ayres.

LIBERTADOR
D. D. Joannina Stella da Costa
e Julia Linhares.

15.º DE INFANTERIA
D. D. Josepha de Abreu Lago
e Genoveva Nunes Valente.

RIACHUELO
D. D. Olga Catunda e Adela-
de Abreu.

GAZETA DO NORTE
D. D. Branca Accioly e Anto-
nina de Souza Mendes.

26 DE VOLUNTARIOS
D. D. Maria Julia da Rocha
e Doudon Jorge.

CORRIENTES
D. D. Maria Nunes de Mello e
Maria Amelia do Amaral.

PORANGABA
Antonio Bizerria de Menezes.
CLUB ITHACEMA

D. D. Thereza Parbosa, Sim-
phronia Medeiros, Angelica de
Oliveira, Maria Amelia de Oli-
veira, Christina Costa Souza, Ma-
ria do Carmo de Souza, Maria
Vidal, Ernest na Vidal, e Emi-
lia Vianna.

Auxiliadas pelos Ill.º Srs:
Antonio Martins, Alvaro Mi-
randa, Adolpho Barroso, Fran-
cisco Carneiro Monteiro, Joa-
quim José de Oliveira Filho, Joa-
quim Costa Souza, Antonio Ma-
chado Freire e Antonio Papi Ju-
nior.

A Commissão central adminis-
trativa, incumbida de auxiliar e
servir das pequenas cabanas, o
servico geral da kermesse
compõe-se dos Srs:

João Lopes, Major Manoel Bi-
zerria d'Albuquerque, Capitão Jo-
sé Margal, Capitão Tristão de A-
lencar Araripe Saucupira, Antô-
nio Felino Barrosa, Dr. J. do
Viremont, Thomé Augusto da
Motta, Antonio Afonso d'Albu-
querque, Isaac Amaral, Major
João Brígido, Dr. Justiniano de
Serpa, Martinho Rodrigues, Jorge
Victor Ferreira Lopes e Niels
Olgen.

GRANDE MERCEARIA

SILVA, CARNEIRO & C.

IMPORTADORES

72-RUA FORMOSA-72

Este estabelecimento montado de maneira a satisfazer as exigencias de sua numerosissima freguesia, tem sempre um sortimento completo de

Vinhos finos
Licores
Conservas
Manteiga
Cerveja das melhores marcas
Queijos
Massas para sopa
Charutos
Cigarros
Chá superior
Café escolhido

Tudo, enfim, que se pode desejar para uso diario, lanchas, banquetes.

Vendas por atacado e a varejo.

SILVA, CARNEIRO & C.

IMPORTANTE DESCUBERTA

Procurando-se saber qual a casa do Ceará que vende machinas de costura com mais vantagens para o comprador mandou-se proceder a uma eleição geral na Provincia e a loja **DURVAL** obteve **600 mil votos**, quasi toda a população do Ceará. E sem duvida onde se deve procurar machinas porque compra-se com garantia de um anno uma machina de Singer e encontra-se qualquer peça avulsa na mesma casa.

Os preços fazem vergonha e ha quem diga que as nossas machinas são furtadas.

E NA RUA FORMOSA N.º 92

PAVILHÃO FRANCEZ

RUA DA BOA VISTA 36 A

Completo sortimento de conservas, vinhos, licores, cerveja das melhores marcas, queijos, presentes e tudo o que pode ter consumo em casas de tratamento.

Felix Liabastres & C.

CAFÉ JAVA

O ponto de reunião predilecto da fina flor da sociedade. Na historica e pittoresca Praça do Ferreira, em frente ao Palácio Municipal.

SEMPRE E INVARIAVELMENTE

Café como nunca se fez em parte alguma do mundo.

Chocolate de que só o Java possui o segredo de fabricar a capricho.

Cerveja fria, petiscos deliciosos.

AO CAFÉ JAVA,

ESTRELA DO ORIENTE

Os gerentes d'esta acreditada loja de modas tem a honra de participar as Exm. famílias d'esta capital e do interior, que brevemente esperão para este grande BAZAR DE MODAS um completo sortimento do que ha de melhor e mais moderno no mercado de Paris onde acha-se o nosso digno chefe José Martins Aréas caprichando na escolha da grande variedade de artigos da moda, afim de melhor satisfazer o bom gosto do bello sexo d'esta heroica Provincia.

ARÉAS & C.

MAÇÃS

Felix Liabastres & C.

CASA IMPORTADORA

Por todos os vapores recebe directamente da Europa sortimento de generos do seu commercio.

E' do systema deste estabelecimento possuir constantemente generos novos e da 1.ª qualidade.

Generos de estiva, vinhos finos, cerveja, sidra, champagne.

VENDAS EM GROSSO.

PREÇOS RASOAVEIS

RUA DA BOA VISTA 36 A

NOTRE-DAME DE PARIS

LOJA DE MODA E NOVIDADES

41 RUA DA BOA VISTA 41

Os proprietarios deste importante e conhecido estabelecimento de modas e novidades, scientifica a sua illustre freguesia, que durante o corrente mez liquidam por preços sem exemplo diversos saldos de tecidos e artigos de moda. Continuão a distribuir presentes aos compradores na forma já estabelecida.

Ceará 14 de Agosto de 1887.

Nabor A. Chagas & C.

SEMPRE NOVIDADE

NO YPIRANGA

92-RUA FORMOSA-92

Acaba de chegar para este estabelecimento um importante sortimento de chapéus de sol de diversas qualidades e preços para homens, senhoras e crianças a escolha da vontade do comprador. Chapéus para homens e rapazes ninguem tem sortimento mais variado, em gostos qualidades e preços.

Os mais modernos chapéus para senhoras e meninas, camizas brancas, de cores e de meia. Ceroulas de linho. Meias completo sortimento. Collarinhos e punlos. Espartilhos para senhoras e meninas. Suspensorios para homens e meninas. Luvas de pelica, de seda e de escocia. Plumas pretas e de cores. Gravatas, loques, Colares electricos. Flores finas. Fitas, bicos, botões, plissés, pentes, escovas. A verdadeira graxa tibiana. Opinta ingleza para dentes. Jogos do vispore. Charlotes pretos e de cores verdadeiros com e sem salto. Calçados. Perfumarias finas. Brinquedos. Grinaldas e véos o que ha de mais moderno. Toalhas, Brins, Cambraias. Linhas para machina e crochet brancas e de cores. Tudo se vende barato a dinheiro.

Joaquim Alvaro Garcia.

ARITHMETICA, ALGEBRA,
GEOMETRIA, TRIGONOMETRIA

O Ex. tenente Raymundo Perdigão de Oliveira, mudou a sua aula de mathematicas para a rua General Sampaio 115 e de lecciona nos dias e horas que convenhão aos alumnos.

—10—

MARÇAL

LOJA DE MODAS

Rua do Major Facundo n.º 77

E' este o estabelecimento que fornece a elite da sociedade cearense, porque é ali que se encontra tudo, absolutamente tudo quanto pode compor o sortimento de uma verdadeira

Loja de modas

O que de mais chik se pode encontrar nas grandes praças tem no

MARÇAL

Nenhum serviço de baleão fez-se com mais promptidão e delicadesa, em a preços mais módicos do que no

MARÇAL

PAVILHÃO CEARENSE

NO

PASSEIO PUBLICO

Sob a direcção do proprietario do GRANDE HOTEL DO NORTE.

Todos os dias serviço completo de restaurant.

Aos domingos almoço especial.

E' o grande chik frequentado o

Pavilhão Cearense

LOTERIA CEARENSE

PREMIO DE 250000000

Garantida com todas as exigencias legais.

Extração todas as 2.ª feiras.

Escriptorio e thesouraria

64 Rua do Major Facundo 64

Onde saca-se sobre as praças do Rio de Janeiro e Pernambuco.

O thesoureiro
Manoel J. P. Caldas.

FABRICA PROENÇA

Chama a attenção criteriosa do publico Cearense para alguns productos seu offercidos á Kermesse em beneficio do Monumento Tiburcio, os quaes são:

2 kilos de café perola ou grãos.
42 " " " moído.
4 " " assucar refinado.
4 " " turbinado branco.
4 " arroz pérola, preparado em machinas americanas.
2 garrafinhas de Licor--Nector de Iracema.
2 " " --Ginipa Americana.
2 " Cafézina.
2 " Larangita.
2 " Oleo de gergelim.
6 frascos " " perfumado para cabelo.
2 ganinhas " de recino purificado.
1 lata chá de folhas de café,—o melhor do mundo.

O agente encarregado da venda destes artigos, na Kermesse, é a

EX. SR. D. CELICINA ROLIM.

Baturité, Agosto 1887.

PORTELLA

Loja de moda e objectos de phantasia tem sempre um novo e variado sortimento de tudo quanto ha de moderno no rigor da moda.

90 RUA DO MAJOR FACUNDO 90

GUARANY

92 Rua do Major Facundo 92

RECEBEDO PELO BASIL

Lã, furtas cores.

Merino preto.

Plissés lido.

Rendas de apurado gosto.

Valencienne como não ha melhor.

Cambraia cor creme.

Cambraia azul claro.

Carbrain branca.

Toalhas de banho.

E muitas outras novidades a preços baixo e ao alcance de todos. Pode-se dizer sem corar que actualmente é a loja que melhor sortimento tem.

A MERCEARIA

DE
MANOEL XAVIER DE LIMA

VENDE

Manteiga, lata de lb.	13100
" " " 2 "	28200
Sal refinado frasco	800
Amêijoas	18200
Mermellada nova lb.	800
Amendoa e nozes k.	900

PARA SOPA

Estrellinha branca e amarella.

Pevide Alphabeto e sagú.

Macarrão, aletria e talerim.

Vinho do porto de diversas marcas.

Ditos em barris, andressen e chamisso e outros artigos que venderá a vontade do freguez.

Rua do Senador Pompeu 103, canto da Municipal.

SAPATINHOS E COTURNOS PARA SENHORAS

Cores—pretos, dourado e azul ferrate.

Idem de setim e merino branco.

Botinas branca de merino.

ENCONTRA-SE NO

COSTA SOUZA.

CHAPEOS

finos de feltro e de lã de todas as cores—formas.

ELEGANTE MODA DE 1887

Bresilien--Costa Sousa--Young man

TOILE D'ALENÇON

Fazenda moderna, padrões e cores escolhidas a capricho.

CHAPEO

de palha de todas as formas, para homens, rapases, meninos e meninas.

DEPOSITO EM CASA DE

COSTA SOUSA

NA LIBRO PAPELARIA

DE GUALTER R. SILVA

RUA DO MAJOR FACUNDO N.º 74

Completo sortimento de livros impressos de letras e sciencias e sobretudo de ensino.

Livros em branco para escripturação, papel e envelopes de todas as qualidades.